literatura

PROPOSTA:

Escolha um trecho do livro lido na semana e represente-o. Utilize uma técnica livre.

Apresente, em seu trabalho, o nome do livro, do autor e o título do desenho.

É importante que apresente detalhes em sua representação, para que possa ser “lida” pelo leitor.

Se a leitura da semana não foi realizada, leia a introdução do livro de Michael Ende, “A História sem Fim”. Apresente um resumo da leitura.

A história sem fim

As paixões humanas são misteriosas, e as das crianças não o são menos que as dos adultos. As pessoas que as experimentaram não as sabem explicar, e as que nunca as viveram não as podem compreender. Há pessoas que arriscam a vida para atingir o cume de uma montanha. Ninguém é capaz de explicar por quê, nem mesmo elas. Outras arruínam-se para conquistar o coração de uma determinada pessoa que nem quer saber delas. Outras, ainda, destroem-se a si mesmas porque não são capazes de resistir aos prazeres da mesa – ou da garrafa. Outras há que arriscam tudo o que possuem num jogo de azar, ou sacrificam tudo a uma ideia fixa que nunca se pode realizar. Algumas pensam que só podem ser felizes em outro lugar que não aquele onde estão e vagueiam pelo mundo durante toda a vida. Há ainda as que não descansam enquanto não conquistam o poder. Em suma, as paixões são tão diferentes quanto o são as pessoas.

A paixão de Bastian Baltasar Bux eram os livros.

Quem nunca passou tardes inteiras diante de um livro, com as orelhas ardendo e o cabelo caído sobre o rosto, esquecido de tudo o que o rodeia e sem se dar conta de que está com fome ou com frio...

Quem nunca se escondeu embaixo dos cobertores lendo um livro à luz de uma lanterna, depois de o pai ou a mãe ou qualquer outro adulto lhe ter apagado a luz, com o argumento bem intencionado de que já é hora de ir para a cama, pois no dia seguinte é preciso levantar cedo...

Quem nunca chorou, às escondidas ou na frente de todo mundo, lágrimas amargas porque uma história maravilhosa chegou ao fim e é preciso dizer adeus às personagens na companhia das quais se viveram tantas aventuras, que foram amadas e admiradas, pelas quais se temeu ou ansiou, e sem cuja companhia a vida parece vazia e sem sentido...

Quem não conhece tudo isto por experiência própria provavelmente não poderá compreender o que Bastian fez em seguida.

Olhou fixamente o título do livro e sentiu, ao mesmo tempo, arrepios de frio e uma sensação de calor. Ali estava uma coisa com a qual ele já havia sonhado muitas vezes, que tinha desejado muitas vezes desde que dele se apoderara aquela paixão secreta: uma história que nunca acabasse! O livro dos livros!

Tinha de o conseguir a qualquer custo!

A qualquer custo? Isso era muito fácil de dizer! Mesmo que o livro custasse mais do que os três marcos e cinquenta *pfennings* da sua mesada, que trazia no bolso e eram todo o dinheiro que possuía... aquele antipático Sr. Koreander já lhe tinha explicado som toda a clareza que não lhe venderia nenhum livro. E com certeza também não o daria de presente. Não havia esperanças...

E, no entanto, Bastian sabia que não podia ir embora sem o livro. Percebia agora que tinha entrado na loja por causa daquele livro, que o livro o tinha atraído de alguma forma misteriosa, porque queria pertencer a ele. Porque, de fato, a ele pertencera desde sempre!

Bastian escutou atentamente o murmúrio que continuava a se ouvir no gabinete.

Sem se dar conta do que fazia, escondeu o livro embaixo do casaco e apertou-o contra o corpo com ambos os braços. Sem fazer barulho, recuou até a porta da loja, olhando sempre para a outra porta, a do gabinete. Ergueu o trinco com cuidado. Não queria que os sininhos de latão fizessem barulho, por isso entreabriu a porta de vidro só o necessário para poder escapulir para a rua. Fechou a porta com cuidado pelo lado de fora, sem fazer barulho.

Só então começou a correr.

Os cadernos, os livros da escola e o estojo que estavam dentro da pasta saltavam e faziam barulho ao ritmo dos seus passos. Começou a sentir uma pontada do lado, mas continuou a correr.

A chuva escorria-lhe pelo rosto e entrava-lhe para o pescoço. O frio e a umidade passavam pelo casaco, mas Bastian nem o notava.

Sentia calor, e não era só de correr.

A sua consciência, que não tinha dado sinal de vida enquanto ele estava na loja, começava a despertar. Todas as justificativas que antes lhe tinham parecido tão convincentes perdiam agora o seu valor, derretiam-se como bonecos de neve ao sopro de um dragão que lança chamas pela boca.

Tinha roubado. Era um ladrão!

O que fizera era ainda pior do que um simples roubo. Sem dúvida aquele livro era único e insubstituível. Fora, certamente, o maior tesouro do Sr. Koreander. Roubar a um violinista o seu violino ou a um rei a sua coroa, era muito pior que assaltar a um banco.

Enquanto corria, mantinha o livro bem apertado contra o corpo, por baixo do casaco. Não o queria perder, apesar do muito que lhe ia custar. Era tudo o que tinha no mundo.

Pois é claro que agora não podia voltar para casa.

Tentou imaginar seu pai, sentado no grande aposento em que trabalhava. À sua volta havia dezenas de moldes de gesso de dentaduras humanas, pois seu pai era dentista. Bastian nunca tinha pensado se seu pai gostava ou não do trabalho que fazia. Pela primeira vez ocorrera-lhe isto, mas nunca mais poderia perguntar aquilo a seu pai.

Se fosse agora para casa, o pai, interrompendo o trabalho, sairia da oficina com seu avental branco, provavelmente trazendo na mão uma dentadura de gesso, e perguntaria: “Já voltou?” “Já” responderia Bastian. “Você não teve aula hoje?” Era como se visse o rosto triste e calmo de seu pai; sabia que não seria capaz de lhe mentir. Mas também não podia dizer-lhe a verdade. Não, a única coisa que podia fazer era ir embora, para qualquer lado, para muito longe. Seu pai nunca deveria saber que o filho era um ladrão. E talvez nem reparasse que Bastian não estava em casa. Esse pensamento era quase consolador.

Bastian deixara de correr. Agora ia devagar e, ao final da rua, avistou a escola. Sem se dar conta, tinha tomado o caminho de costume. A rua parecia-lhe completamente vazia, apesar de haver algumas pessoas. Mas, para o aluno que chega tarde à escola, o mundo que o rodeia sempre parece morto. De qualquer modo, Bastian tinha medo da escola, cenário de suas derrotas diárias; medo dos professores, que o corrigiam amavelmente ou lhe despejavam suas iras; medo de outros rapazes, que dele zombavam e não perdiam uma oportunidade sequer de lhe mostrar como ele era fraco e desajeitado. Não era a primeira vez que a escola lhe parecia uma prisão onde ele sofria um castigo infindável, que duraria até que ele crescesse e que tinha que suportar com muda resignação.

Mas, agora, quando percorria os corredores cheios de ecos, que cheiravam a cera e a casacos molhados, quando o silêncio ameaçador lhe tapava os ouvidos como bolas de algidao e quando, finalmente, chegou em frente da porta da sua classe, pintada com a mesma cor verde-espinafre das paredes, percebeu de repente que também ali não tinha mais nada a perder. Tinha de ir embora. E o melhor era fazê-lo já.

Mas, para onde?

Bastian tinha lido em seus livros histórias a respeito de rapazes que se alistavam em um navio e corriam o mundo em busca de sua sorte. Alguns tornavam-se piratas ou heróis, outros voltavam ricos para casa ao fim de muitos anos, sem que ninguém os reconhecesse.

Mas Bastian não tinha coragem para tanto. Além disso, estava convencido de que não o aceitariam como grumete. Nem sequer sabia o caminho para um porto onde houvesse navios apropriados para tão arriscados empreendimentos.

Para onde ir, então?

E, de repente, lembrou-se do lugar certo, do único lugar onde – pelo menos por agora – ninguém o iria procurar e encontrar. O sótão era grande e escuro. Cheirava a pó e a naftalina. Não se ouvia nenhum ruído, a não ser o tamborilar suave da chuva sobre as chapas de cobre do enorme telhado. Grandes vigas enegrecidas pelo tempo erguiam-se a distâncias regulares sobre o chão de madeira, encontravam-se lá em cima com as vigas do forro e desapareciam na escuridão. Daqui e dali pendiam teias de aranha, grandes como redes de dormir, que balançavam suave e fantasmagoricamente à corrente de ar. Lá de cima, da claraboia, descia um raio de luz esbranquiçada.

A única coisa viva, neste lugar onde o tempo parecia ter parado, era um ratinho que saltitava sobre as tábuas do assoalho e que deixava um rastro de pegadas minúsculas impressas no pó. Entre as pegadas havia um risco fino feito pela cauda que se arrastava no chão. De repente, o animalzinho parou e ficou à escuta. E logo – fssst! – desapareceu num buraco entre as tábuas.

Ouviu-se o ruído de uma chave girando na grande fechadura. Devagar, a porta do sótão se abriu rangendo, e, por alguns instantes, um longo raio de luz atravessou o compartimento. Bastian entrou e fechou logo a porta, que voltou a ranger. Meteu a grande chave pelo lado de dentro da fechadura e deu-lhe a volta. Depois, empurrou o ferrolho e suspirou aliviado. Agora, era impossível encontrá-lo. Ninguém viria procurá-lo ali. Raramente alguém ia até o sótão – disso ele tinha certeza – e mesmo que alguém tivesse alguma coisa para fazer ali nesse dia ou no dia seguinte, encontraria a porta fechada. E a chave tinha desparecido. Mesmo que, de alguma forma, conseguissem abrir a porta, Bastian teria tempo para se esconder entre os trastes guardados no sótão.

Pouco a pouco seus olhos se habituaram à escuridão. Conhecia bem aquele lugar. Seis meses antes, o diretor da escola pedira-lhe que o ajudasse a transportar um grande cesto de roupa cheio de impressos e papéis velhos, que deveriam ser guardados no sótão. Fora então que vira onde estava guardada a chave da porta: num armário de parede, pendurado no último patamar da escada. Desde então, nunca mais tinha pensado nisso. Mas agora lembrara-se outra vez.

Bastian começou a tiritar, pois o casaco estava encharcado e ali em cima fazia muito frio. Antes de mais nada, tinha de procurar um lugar confortável. Afinal, ele ia ficar muito tempo ali. Por quanto tempo? Bem, nisso ele não queria pensar, nem na fome e na sede que em breve começaria a sentir.

Começou a explorar o local.

O sótão estava entulhado de toda a espécie trastes, uns caídos, outros em pé: estantes cheias de atas que já há muito tempo não se utilizavam, carteiras empilhadas e manchadas de tinta, uma armação em que estavam pendurados uma dúzia de mapas velhos, vários quadro-negros, cuja tinta se descascara, fogões de ferro enferrujados, aparelhos de ginástica inutilizados, tais como um cavalo, cujo revestimento de couro estava tão rasgado que o forro saía lá de dentro, bolas de ginástica rebentadas, um monte de colchões de ginástica velhos e manchados, e alem disso alguns animais empalhados, roídos pelas traças, entre eles uma enorme coruja, uma águia real e uma raposa, toda a espécie de retortas químicas e recipientes de vidro rachados, uma máquina eletrostática, um esqueleto humano pendurado numa espécie de cabide, e muitas caixas e caixotes cheios de velhos colchões de ginástica. Se se deitasse em cima deles, seria como se estivesse sentado num sofá. Arrastou-os para debaixo da claraboia, onde havia mais luz. Perto dali estavam empilhadas algumas mantas da tropa, rasgadas e bastante empoeiradas, mas que ainda podiam servir. Bastian foi buscá-las. Tirou o casaco molhado e pendurou-o no cabide, juntamente com o esqueleto. O monte de ossos balançou um pouco para cá e para lá, mas Bastian não teve medo. Talvez porque estivesse habituado a coisas muito parecidas em sua casa. Tirou também as botas encharcadas. De meias, sentou-se sobre as pernas cruzadas em cima dos colchões de ginástica, e cobriu os ombros com uma manta cinzenta, como um índio. Tinha junto de si a pasta – e o livro de capa cor-de-cobre.

Pensou que, nesse momento, seus colegas deveriam estar na aula de Língua. Talvez estivessem fazendo uma redação sobre algum tema desinteressante.

Bastian olhou para o livro.

“Gostaria de saber”, disse para si mesmo, “o que se passa dentro de um livro quando ele está fechado. É claro que lá dentro so há letras impressas, mas, apesar disso, deve acontecer alguma coisa, porque quando o abro, existe ali uma história completa. Lá dentro, há pessoas que ainda não conheço, e toda a espécie de aventuras, feitos e combates – e muitas vezes há tempestades no mar, ou alguém vai a países e cidades exóticos. Tudo isso, de algum modo, está lá dentro do livro. É preciso lê-lo para o saber, é claro. Mas antes disso, já está lá dentro. Gostaria de saber como...”

E, de repente, sentiu que aquele momento tinha algo de solene.

Endireitou-se no assento, pegou o livro, abriu-o na primeira página e começou a ler

A história sem fim